

## O ELO PERDIDO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Resenha do livro de Francisco de Oliveira, *O Elo Perdido: Classe e Identidade de Classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

*O Elo Perdido* é um instigante ensaio sobre o problema da definição das classes sociais em Salvador, Bahia. O propósito de Francisco de Oliveira, ao examinar as conseqüências sociais da industrialização do Nordeste a partir dos anos sessenta, “não é tanto a demonstração das hipóteses levantadas, mas a sugestão de pistas para o entendimento da questão: há classes sociais em Salvador”. E realmente o autor vai ser fiel a seu objetivo. Quando terminamos a leitura do livro não temos as respostas, mas temos muitas sugestões e novas perguntas.

O problema fundamental que Francisco de Oliveira procura analisar é o da constituição das classes sociais em Salvador. Para isto ele divide a história da região metropolitana em dois períodos: o grande período colonial e escravocrata, que só vai terminar de fato nos anos cinqüenta, e o período da industrialização moderna, a partir de 1960.

A perspectiva de Francisco de Oliveira é sempre dialética e marxista. Embora a análise se concentre sobre Salvador, acaba tendo uma amplitude muito maior. Em certos momentos faz a teoria geral das classes sociais, e as sugestões que faz então são originais, criativas. Na introdução, por exemplo, ele fala que as classes podem ser resultado de “produção” ou de “transformação”. No Nordeste a classe operária será “produzida” enquanto a burguesia será o resultado de transformação da antiga aristocracia.

Francisco de Oliveira não está interessado apenas na definição econômica das classes sociais, na forma de sua inserção nas relações de produção. Ele se preocupa particularmente

com a dimensão política das classes, que – a partir de uma proposta teórica de Bourdieu – identifica com a idéia da subjetividade das suas representações *vis-a-vis* as outras classes.

A partir deste marco teórico, que ele vai constantemente reelaborando, Francisco de Oliveira discute a formação de “classes sem identidade” definidas em Salvador, a partir dos anos sessenta.

O capítulo mais importante do livro é aquele em que discute “classes e representações de classes”, a partir de instalações da Petrobrás na Bahia. A nova burguesia ou é o resultado da transformação da antiga oligarquia ou a face ausente do capitalismo paulista e multinacional. A nova classe operária, formada a partir da industrialização subsidiada da região, não tem consciência de classe, seja devido a sua rotatividade, relacionada com a imensa oferta de mão-de-obra, seja devido ao nacionalismo ligado ao problema do monopólio do petróleo, seja devido ao discurso “nordestino” e à ideologia da “baianidade”, que obscurecem os conflitos de classe. A análise do “setor informal”, intimamente articulado com o setor capitalista, é brilhante. Para o autor os trabalhadores do “informal” estão colocados no último degrau do proletariado, mas não são operários, não vendem força de trabalho porque não há trabalho abstrato nem troca de equivalentes nesse setor. A análise das classes médias é particularmente inconclusiva. Há uma inteligente análise do surgimento das classes médias a partir da desespecialização do operário e do empresário, há a demonstração de como as “classes médias” burocráticas ou tecnoburocráticas surgem explosivamente, de um dia para outro, no Nordeste; há o reconhecimento de que se trata de uma classe, e que não pode ser confundida nem com os operários (já que não há trabalho abstrato) nem com os empresários; há a observação de que “as outras classes” vêem a burocracia e a tecnoburocracia como “agentes políticos por excelência, bodes expiatórios de sua impotência de representação”; há a correta análise da super-representação das classes médias. Mas a conceituação dessa classe média tecnoburocrática fica muito a desejar.

Em qualquer hipótese, com *O Elo Perdido* Francisco de Oliveira mostra mais uma vez que pensa com inteligência, criatividade e independência a sociedade e a economia brasileira. Seu livro merece ser lido por quem quer entender o problema das classes no Nordeste e no Brasil, e também por quem quer discutir a teoria das classes sociais.